# Dia 8 — Santo Dionísio, Bispo

Entre os prelados eminentes que floresceram nos primeiros séculos da Igreja, foi um Santo Dionísio, bispo de Corinto, a quem elogiavam os escritores antigos por seu zelo apostólico, por sua vasta erudição e por sua singular graça na pregação da palavra de Deus. Tão infatigável em suas tarefas que, não satisfeito com prover com os abundantes pastos de sua celestial doutrina aos povos que Deus encomendou a seu cuidado, participava o fogo e a luz de sua caridade e ilustração a muitas outras cidades e províncias, não só contíguas, mas distantes.

Eusébio de Panfília, no livro quarto de sua *História Eclesiástica*, tratando com extensão das coisas que ocorreram dignas de eterna memória desde o ano 161 [^1] até o de 180 de nossa era cristã, entre outros insignes escritores que floresceram por aquele tempo, cujos livros chegaram a sua idade, confessando que neles se continha a sincera doutrina da verdadeira fé e tradição apostólica, celebra nosso santo em grande maneira, não só por seu zelo no desempenho das funções episcopais, fazendo participantes de seus trabalhos outras províncias, mas pelas sábias cartas que dirigiu a diferentes igrejas, alentando-as a conservar em sua pureza o sagrado depósito da fé e a resistir às violências das heresias, ensinando-lhes além disso vários pontos utilíssimos de disciplina eclesiástica.

O mesmo historiador cita com elogio a que escreveu à Igreja de Lacedemônia, que é uma instrução da reta fé e uma nervosa exortação para conservar a paz e concórdia; a que dirigiu à de Atenas, em que excita os fiéis a guardar a fé que professaram e a seguir a vida segundo os preceitos do Evangelho, sobre o que lhes repreende sua negligência, porque se haviam separado algum tanto da Religião depois que seu bispo Públio padeceu martírio, recordando-lhes os desvelos que custou a seu prelado Quadrato congregá-los de novo no grêmio da Igreja e pondo-lhes à vista o exemplo de Santo Dionísio Areopagita, seu primeiro bispo, convertido pelo apóstolo São Paulo; a que escreveu à Igreja de Nicomédia, na qual impugna com grande erudição a heresia de Marcião, prevenindo-os de que se adiram com firmeza à regra da verdade; a que enviou às igrejas de Creta, onde, além de elogiar a fé e zelo de seu bispo Filipe, os admoesta que se precavenham das fraudes e indústria de que se valem os hereges para introduzir seus erros; a que dirigiu às igrejas do Ponto, ministrando-lhes nela uma sábia exposição das santas Escrituras, instruindo-as em vários pontos sobre núpcias e castidade e mandando-as receber benignamente os que regressem ao grêmio da Igreja verdadeiramente arrependidos de qualquer queda, ainda que seja na heresia; a que escreveu aos gnósios, dando-lhes as mais sábias instruções de perfeita doutrina; e a que dirigiu aos romanos, no tempo do papa São Sotero, elogiando a caridade com que os sumos pontífices haviam socorrido desde o princípio de nossa santa religião todas as igrejas pobres e testificando-lhes que, em sinal da veneração que professava aos vigários de Jesus Cristo, costumava ler suas cartas em pé nos dias dominicais.

Todos estes escritos, dignos do maior apreço, como de um varão tão imediato aos tempos apostólicos, fizeram celebérrima a memória de São Dionísio, o qual morreu cheio de glória pelos anos 180, segundo nos instruem os menológios gregos. Seu corpo foi trasladado, muito depois de sua morte, do Oriente a Roma, e daqui ao mosteiro de São Dinis de Paris, por concessão de Inocêncio III [^1] a Emércio, prior daquela célebre casa, segundo consta de seu breve especial, dado em Roma a 7 de janeiro do ano de 1215, décimo oitavo de seu pontificado.

# A Comemoração dos Fiéis Defuntos

Refere-se no segundo livro dos Macabeus [^2] que Judas, aquele caudilho do povo de Deus não menos valente que piedoso, depois de haver tomado e saqueado Jâmnia, marchou com três mil infantes e quatrocentos cavalos a atacar Górgias, governador da Idumeia. Tendo vindo às mãos os dois exércitos, ficaram mortos no campo alguns poucos judeus, e, vendo Judas que, acobardados os seus, se iam retirando, recorreu ao Senhor dos exércitos e, clamando ao céu com hinos e com cânticos, conseguiu uma completa vitória. Depois de haver dado graças a Deus e celebrado o dia do sábado na cidade de Odolão, voltou ao campo de batalha e recolheu os mortos para enterrá-los no sepulcro de seus pais. Mas todo o exército macabeu ficou surpreendido ao encontrar, entre as túnicas dos que haviam morrido no combate, algumas coisas que haviam pilhado nos templos de Jâmnia, como eram peças de prata e ouro e outras alfaias que os gentios haviam consagrado a seus ídolos naqueles templos; o que era expressamente contra a lei: *Nec inferes quidpiam ex idolo in domum tuam* [^3]. Todos conheceram claramente que esta havia sido a causa de sua morte; e, adorando os altos juízos do Senhor, que havia descoberto o que se havia tentado ocultar, puseram-se todos em oração, suplicando-lhe que se dignasse esquecer aquele pecado, porque todo o exército esteve a ponto de perecer pela falta desses poucos delinquentes. Valeu-se desta ocasião o piedoso general para exortar o povo à mais pura observância da lei, pois tinha diante dos olhos o rigor com que havia castigado Deus a inobservância de seus irmãos e companheiros.

Não duvidavam os judeus de que havia certos pecados cuja pena podia perdoar-se aos defuntos na outra vida, especialmente quando os vivos se interessavam por esta remissão, oferecendo para consegui-la orações e outras obras satisfatórias. Destas obras de misericórdia feitas em favor dos defuntos fala Tobias quando aconselha a seu filho que ofereça seu pão e seu vinho sobre a sepultura do justo: *Panem tuum, et vinum tuum super sepulturam justi constitue* [^4]; mas que se guarde bem de comer este pão e beber este vinho em companhia dos pecadores: *Et noli ex eo manducare et bibere cum peccatoribus.* Esta sorte de convites que se faziam desde então nos funerais eram convites de caridade, ou antes esmolas que se faziam aos pobres por via de sufrágio pela alma do defunto.

Com o mesmo espírito e pelo próprio motivo, os moradores de Jabes de Galaad jejuaram sete dias depois da morte de Saul e de Jônatas: *Sepelierunt in nemore Jabes, et jejunaverunt septem diebus* [^5]; e pela mesma razão o piedoso general macabeu, havendo feito uma coleta, ou demanda, em

que recolheu de esmola doze mil dracmas de prata, que correspondem a dezoito mil e quatrocentos reais de nossa moeda, enviou-as a Jerusalém para que se oferecessem em sacrifício pelos pecados dos que haviam morrido: *Misit Hierosolymam offerri pro peccatis mortuorum sacrificium.*

É, pois, evidente que era prática inconcussa dos judeus, autorizada pelos profetas e pelos homens mais santos da lei antiga, fazer orações e esmolas e oferecer sacrifícios pelos defuntos que haviam morrido em graça: pelo que acrescenta o sagrado historiador que o piedoso general macabeu considerava estar reservada na outra vida uma grande misericórdia para os que haviam morrido sem a mancha do pecado: *Considerabat quod hi qui cum pietate dormitionem acceperant, optimam haberent repositam gratiam.*

Não ignorava Judas que aqueles soldados, violando um preceito tão expresso da lei de não reservar para si coisa alguma das que estivessem consagradas aos ídolos, haviam cometido uma espécie de sacrilégio. Mas pôde piedosamente presumir que, arrependendo-se deste pecado antes de expirar, pediriam perdão a Deus; ou que puramente se moveriam a tirar dos ídolos aquelas alfaias como simples despojos da guerra, sem passar-lhes pelo pensamento espécie alguma de idolatria; ou que, sem pensar em levá-las a suas casas, teriam ânimo de entregá-las ao general depois da batalha, para que, fundidas, se repartissem por todo o exército. Enfim, ou a pequenez da matéria, como diz um moderno expositor do Velho Testamento, ou outras circunstâncias que ignoramos puderam mover aquele prudente e piedoso general a fazer juízo de que não havia sido culpa grave a que haviam cometido. E por outra parte, tendo morrido em defesa da verdadeira religião e do santo templo, podia crer piedosamente que antes de sua morte lhes faria Deus a graça, ou a todos ou a alguns deles, de que se reconhecessem, castigando-os nesta vida para perdoá-los na outra: *Sancta ergo, et salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur.* Como quer que seja, conclui o historiador sagrado, é santo e salutar o pensamento de rogar a Deus pelos defuntos, para que se lhes perdoe na outra vida a pena dos pecados que cometeram nesta.

Tal foi sempre a crença dos fiéis do Testamento antigo; e tal foi invariavelmente a fé da Igreja católica no novo Testamento, como se evidencia pelas palavras do mesmo Jesus Cristo, pelo testemunho dos concílios, pelo unânime consentimento dos santos padres e pela irrefragável autoridade de uma tradição imemorial.

Ao que falar contra o Espírito Santo, diz o Salvador, não lhe será perdoado este pecado, nem neste mundo nem no outro [^6]. Aos hereges que negam, diz São Bernardo, que há purgatório na outra vida: *Non credunt ignem purgatorium restare post mortem*, encarregar-lhes que perguntem àquele que disse que há um pecado que não se perdoa nesta nem na outra vida: como se explicou tão mal, se é que não há purgatório no outro mundo? *Quærant ergo ab eo qui dixit, quoddam peccatum esse quod neque in hoc sæculo, neque in futuro remitteretur, cur hoc dixerit, si nulla manet in futuro remissio, purgatione peccati* [^7]?

O Apóstolo fala da mesma maneira que seu divino Mestre. Se os mortos, diz, não hão de ressuscitar, a que fim batizar-se por eles? *Si omnino mortui non resurgunt, ut quid et baptizantur pro illis* [^8]; isto é, como expõe Santo Efrém, a que fim fazer boas obras e jejuar pelos defuntos, se não esperam ressurreição na outra vida [^9]? E São Cipriano, por nome de batismo, entende

algumas vezes as lágrimas da penitência: *lacrymis se baptizat* [^10]: em cujo sentido dizia o Salvador aos filhos de Zebedeu: Podereis beber o cálice que eu hei de beber e batizar-vos com o batismo com que eu hei de ser batizado [^11]?

Os mais antigos concílios falam sempre das orações e das missas que se oferecem pelos defuntos como de obras de misericórdia fundadas na constante fé de toda a Igreja. *Sacramentum altaris non nisi a jejunis hominibus celebretur:* não se celebre o santo sacrifício da missa senão em jejum, diz o concílio cartaginense do ano 397, ao qual subscreveu Santo Agostinho. *Si autem aliquorum postmeridiano tempore defunctorum commendatio facienda est, solis orationibus fiat:* mas, se se quer oferecer a Deus alguma coisa pelos defuntos depois do meio-dia, sejam orações e qualquer outra espécie de sufrágios, contanto que não sejam missas ou comunhões.

O concílio de Braga, em Portugal, que se celebrou no ano 563, proíbe que se façam sufrágios pelos que voluntariamente se mataram a si mesmos com morte violenta e deliberada. O de Vaison, no ano de 529, o de Orléans, no de 533, e o de Châlons-sur-Saône encomendam que em todas as missas se faça oração pelos defuntos: *Visum est*, diz o último, cân. 39, *ut in omnibus missarum solemnitatibus pro defunctorum spiritibus loco competenti Dominus deprecetur;* porque, como não há dia algum em que não se deva rogar a Deus por nossas necessidades particulares, tampouco deve havê-lo em que não se lhe peça na missa pelas benditas almas do purgatório: *Nam nimirum nulla dies excipi debet, quin pro animabus fidelium preces Domino in missarum solemnitatibus fundantur.* Em todos os tempos tem observado a Igreja este piedoso costume, acrescenta o mesmo concílio: *Antiquitus hunc modum sancta ecclesia tenet, ut et in missarum solemnitatibus, et in aliis precibus, Domino spiritus quiescentium commendet.* E não só de encomendar a Deus os defuntos na missa, mas em todas as demais orações. Segundo Santo Agostinho, a Igreja católica faz oração em geral por todos os defuntos, para que aqueles que não têm parentes ou amigos que façam por eles esta obra de misericórdia encontrem este socorro nas orações desta mãe comum de todos os fiéis: *Dicente beato Augustino, non sunt prætermittendæ supplicationes pro spiritibus mortuorum, quas faciendas pro omnibus in christiana et catholica societate defunctis, etiam tacitis eorum nominibus, sub generali commemoratione suscepit ecclesia; ut quibus ad ista desunt parentes vel amici, ab una eis exhibeantur pia matre communi.* Estas são as palavras do concílio, nas quais não faz mais que recomendar o que Santo Agostinho assegura ser prática inconcussa e geral da Igreja: *Hoc a patribus traditum universa observat ecclesia.*

Que faz o sacerdote, pergunta São Dionísio, quando roga a Deus pelos defuntos? *Precatur oratio illa divinam clementiam, ut cuncta dimittat per infirmitatem humanam admissa peccata defuncto, eumque in luce statuat et regione vivorum* [^12]: implora a divina clemência para que, por sua infinita misericórdia, se digne perdoar as penas que correspondem às culpas dos fiéis defuntos, a fim de que, purificadas suas almas, sejam admitidas à claridade e à ditosa região dos vivos.

Roguemos a Deus, diz São Gregório Nazianzeno, assim por nós mesmos como por aqueles que, mais bem dispostos que nós, puseram fim a sua carreira: *Et eorum qui quasi in via paratiores prius ad hospitium pervenerunt, animas commendemus* [^13]. Por isso, acrescenta São Crisóstomo, não sem razão ordenaram os apóstolos que no tremendo sacrifício se fizesse sempre menção dos fiéis defuntos; porque sabiam bem o grande proveito que disto se seguia: *Non temere ab apostolis hæc sancita fuerunt, ut in tremendis mysteriis defunctorum agatur commemoratio; sciunt enim inde*

*multum illis contingere lucrum, utilitatem multam* [^14].

Rogamos, enfim, diz São Cirilo, por nossos irmãos defuntos, porque cremos que suas almas recebem um grande alívio com o santo sacrifício da missa: *Denique pro omnibus oramus qui inter nos vita functi sunt, maximum credentes esse animarum juvamen, pro quibus offertur obsecratio sancti illius et tremendi sacrificii* [^15]. E Eusébio refere na vida de Constantino, o Grande, que este piedoso imperador mandou que o enterrassem na igreja maior, para lograr mais sufrágios do maior concurso dos fiéis. Santo Epifânio conta entre as heresias de Ário o haver negado que aproveitassem aos defuntos as orações, as esmolas e os sacrifícios que se ofereciam por eles.

Assegura Tertuliano [^16] que os sufrágios pelos defuntos são de tradição apostólica; e, falando de uma viúva, diz que encomende a Deus a alma de seu marido e que não deixe de fazer todos os anos um aniversário por ela: *Pro anima ejus oret, et refrigerium interim adpostulet ei... et offerat annuis diebus dormitionis ejus* [^17].

Estabeleceram nossos predecessores, diz São Cipriano, que, se alguém em seu testamento nomeasse por tutor ou curador um clérigo, não se façam sufrágios por sua alma: *Episcopi antecessores nostri censuerant ne quis frater excedens ad tutelam vel curam clericum nominet: ac si quis hoc fecisset, non offerretur pro eo, nec sacrificium pro dormitione ejus celebraretur* [^18].

São Paulino louva muito a piedosa ação de um jovem cavaleiro romano, chamado Pamáquio, o qual, havendo morrido sua mulher, que era filha da esclarecida Santa Paula, juntou na igreja de São Pedro todos os pobres que havia em Roma e deu de comer caritativamente àqueles verdadeiros protetores de nossas almas, fazendo esta esmola por sufrágio e para alívio da de sua amada defunta.

Enfim, Santo Agostinho, no livro que intitulou *Da caridade com os fiéis defuntos*, diz o seguinte: «Lemos no livro dos Macabeus que se ofereceu um sacrifício em Jerusalém pelas almas dos que haviam morrido na batalha; mas, ainda que nada disto se lesse na Escritura, bastaria a autoridade da Igreja para comprovar este piedoso costume, pois vemos que sempre que o sacerdote celebra, faz comemoração dos defuntos»: *In Machabæorum libro legimus oblatum pro mortuis sacrificium; sed etsi nusquam in scripturis veteribus legeretur, non parva est universæ ecclesiæ quæ in hac consuetudine claret auctoritas, ubi in precibus sacerdotis quæ Domino Deo ad ejus altare funduntur, locum suum habet etiam commendatio mortuorum.*

O sacrifício do altar, diz São Gregório Magno, aproveita muito às almas do purgatório: *Multum solet animas etiam post mortem sacra oblatio hostiæ salutaris adjuvare.* Numa palavra, todos os padres gregos e latinos têm a mesma linguagem.

Parece que o dito deve bastar para mover os fiéis a socorrer com suas orações, esmolas, jejuns e sacrifícios as almas daqueles que certamente não se esquecerão de seus caritativos benfeitores quando se acharem entre os bem-aventurados. *Mortuo non prohibeas gratiam*, clama o Sábio [^19]: não negues aos mortos essa só graça, esse só bem que lhes podes fazer e que aquele pai, aquela mãe, aquela esposa, aquele irmão, aquela irmã, aquele amigo estão esperando de ti. E que pensarão agora os hereges de seu erro sobre um ponto de fé tão evidente e sobre um costume da

Igreja católica recebido sem intermissão em todos os séculos? Terão valor para dizer com seu chefe Calvino: «Convenho em que foi prática inconcussa da Igreja desde sua primitiva instituição fazer oração e oferecer o sacrifício da missa pelos defuntos: *usu receptum est;* mas me aprouve dizer que todos os padres e toda a Igreja se deixaram arrastar de um grosseiríssimo erro: *sed omnes fateor in errorem abrepti fuerunt?*» Bom Deus, e que extravagantemente se desatina quando se perde a fé! É possível que uns homens, por outra parte de entendimento e de juízo, não conheçam que eles são os que erram, eles os que se perdem, eles os que se precipitam seguindo tal mestre e tal guia?

# Martirológio Romano

Em Alexandria, Santo Edésio, irmão do bem-aventurado Afiano, o qual, no tempo do imperador Maximiano Galério, como criticasse publicamente um juiz ímpio de que não tinha vergonha de expor à prostituição as virgens consagradas a Deus, foi preso pelos soldados e, depois de horríveis tormentos que sofreu com paciência por Jesus Cristo, foi arrojado ao mar.

Na África, São Genaro, martirizado em companhia das duas santas mulheres Máxima e Macária.

Em Cartago, Santa Concessa, mártir.

No mesmo dia, a comemoração dos santos Herodião, Asíncrito e Flegonte, de quem fala São Paulo na epístola aos Romanos.

Em Corinto, São Dionísio, bispo, o qual com sua erudição e o dom da palavra que havia recebido de Deus não só ensinou as gentes de sua cidade episcopal e província, mas também instruiu por suas cartas os bispos de outras cidades e províncias. Tinha tanto respeito aos romanos pontífices que todos os domingos costumava ler suas cartas publicamente na igreja. Floresceu no tempo dos imperadores Marco Antonino Vero e Cômodo.

Em Tours, São Perpétuo, bispo, varão de admirável santidade.

Em Ferentino, na campanha de Roma, São Redento, bispo, de quem faz menção o papa São Gregório.

Em Como, Santo Amâncio, bispo e confessor.

# Missa (oração)

A missa é a cotidiana de defuntos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Fidelium, Deus, omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas...*

**Português:** Ó Deus, criador e redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa Igreja, o perdão que sempre desejaram de vós. Vós que viveis e reinais...

# Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

**Apocalipse 14,13**

> **Latim:** 13 Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

**Português:** 13 Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d’elles os seguem.

# Nota

«Já se disse em outra parte que o Apocalipse significa o livro das revelações. São Jerônimo diz que contém tantos mistérios como palavras, e até acrescenta que cada palavra contém muitos mistérios. Como nesta profecia se fala das perseguições da Igreja e dos cruéis suplícios dos mártires, o capítulo 14, de onde se tirou a epístola presente, mostra e faz visível quão ditosa é a morte dos que morrem no Senhor, ainda que expirem ao rigor dos mais horríveis tormentos.»

# Reflexões

Será morrer gloriosamente morrer no leito da honra ou na abundância, quando à morte se segue uma infâmia eterna e um inferno sem fim? De que serve na hora da morte a triste memória dos

gostos passados? Festas mundanas, diversões multiplicadas, prazeres requintados, prosperidade sem intermissão, suntuosidade, magnificência, que pouca coisa pareceis aos olhos de um pobre moribundo! Será grande consolo passar de um magnífico palácio à sepultura, de uma cama branda aos infernos, de uma numerosa corte às chamas eternas? Será feliz o que morre poderoso, estimado, temido ou amado de todo o mundo, se se condena?

*Beati, qui in Domino moriuntur.* Este é o único segredo para ser feliz: isto só vale mais que todos os tesouros do universo, todas as prosperidades da vida, todas as grandezas do mundo; esta é a única felicidade que há sobre a terra; todas as demais são engano, ilusão, fantasmas, puras quimeras. Bem-aventurados os que morrem no Senhor, isto é, em sua graça e amizade: isso é morrer rico, poderoso, cheio de honra e cumulado de glória.

Ainda que toda a vida tenha sido matizada de mil desgraçados contratempos; ainda que este punhado de dias que se viveram tenha sido uma perpétua cadeia de infortúnios e de pesadumes; ainda que os trabalhos tenham excedido o número dos dias, tudo parece um sonho ao que morre no Senhor. De nada disso lhe resta então mais que uma memória muito superficial; começa para ele naquele momento uma felicidade plena e cumulada: sua alma vai ser inundada num pélago de delícias e de consolos; aos dias borrascosos e turbados de que já apenas lhe resta memória vão suceder dias de calma, e de uma calma imperturbável. Que ideia tão consoladora! Morre-se no Senhor, pois se morre para viver. Isto sim que se chama fazer fortuna. Que é então daqueles monarcas poderosos que fizeram no mundo tanto ruído? Daquelas pessoas tão assinaladas por suas belas prendas de corpo e alma? Daqueles homens grandes que ocuparam as primeiras dignidades da Igreja e do Estado? Em que pararam aqueles chamados ditosos, felizes e afortunados no mundo, se se condenaram? E em que param todos aqueles que não morrem no Senhor? Quantos dos que lerem estas reflexões merecerão esta tristíssima sorte por não se haverem aplicado a merecer a contrária? Para morrer no Senhor é preciso viver e perseverar na graça do Senhor.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

**João 6,51-55**

> **Latim:** [51] Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. [52] Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. [53] Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? [54] Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. [55] Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in

> novissimo die.

**Português:** [51] Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. [52] Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. [53] Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? [54] E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. [55] O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

# Meditação

*Da necessidade de preparar-se para a morte*

# Primeiro ponto

Considera que a necessidade de preparar-se para uma santa morte é indispensável. Não há no mundo negócio tão importante como a morte, não o há mais dificultoso que uma boa morte, e mais em quem não se dispõe para ela durante a vida. E há tampouco negócio mais irreparável que o de uma morte infeliz? Contudo, para nenhuma coisa se preparam menos os homens do que para lográ-la ditosa.

Se se morresse duas vezes, seria menos imprudência arriscar-se a morrer mal uma vez; poderia reparar-se esta falta, fazendo penitência ao mesmo tempo de uma má vida e de uma má morte. Mas não se morre mais que uma só vez, e a eternidade feliz ou desgraçada depende absolutamente desta morte.

Quanto mais temos trabalhado para o céu, quanto mais santamente temos vivido, mais interesse temos em acabar a vida santamente, para não perder o fruto de tantos trabalhos. É verdade que uma santa morte é ordinariamente fruto de uma santa vida; mas não é menos verdade que uma morte em pecado aniquila todos os merecimentos da vida mais santa, e que todos os méritos da mais santa vida não podem assegurar-nos uma santa morte. E, contudo, pensa-se muito nesta morte? Ao ver nosso descuido sobre um ponto tão importante, poderia parecer que não há coisa mais fácil nem tampouco mais comum que morrer bem.

Se para morrer bem bastasse receber os derradeiros sacramentos, beijar com ternura um crucifixo e derramar talvez algumas lágrimas, talvez seria menos intolerável nossa imprudência. Nem sempre é muito dificultoso encontrar um confessor zeloso e hábil que nos assista naquele último perigo; mas quantos há que morreram com todos estes auxílios e se condenaram! Morrer coberto de cinza e de cilício, morrer rodeado de sacerdotes e de santos religiosos é morrer com edificação; mas isto precisamente tampouco é morrer bem. Morrer bem é morrer depois de haver apagado com a penitência todas as manchas, todas as culpas da vida; é morrer em estado de graça; é

morrer cheio de uma fé viva, de uma esperança firme, de uma caridade ardente; é morrer com um grande horror a tudo o que o mundo ama, com um amor de Deus sobre tudo o que foi criado. E tudo isto será muito fácil a quem amou tão pouco a Deus durante a vida? A quem se lhe passou toda a vida quase sem pensar jamais em morrer bem?

Coisa estranha! Se um tem que representar um triste papel num teatro, ou que pregar um sermão num púlpito, ou que fazer ostentação de sua habilidade e de sua literatura numa cátedra, previne-se por semanas, por meses e talvez por anos inteiros para sair com lucimento, sendo assim que tudo isso é de bem pouca importância. Mas que tempo, grande Deus, se emprega em dispor-se para morrer bem, quando este grande negócio pede não menos que todo o tempo da vida!

# Segundo ponto

Considera que nunca pode ser demasiada a preparação para uma coisa que se faz uma só vez, quando de fazê-la bem esta só vez pende nossa felicidade eterna.

Se fosse coisa tão fácil lograr uma boa morte depois de haver-se preparado tão pouco para morrer bem, muito néscios haveriam sido os santos em dispor-se a tanto custo e em haver empregado nesta preparação toda a vida. A que fim tanto jejuar, tanta oração e derramar tantas lágrimas? A que fim retirar-se de toda comunicação com o mundo para lograr uma santa morte, se puderam morrer santamente sem todas essas precauções e sem nenhum preparativo?

Aquele bizarro jovem que, no melhor de sua vida, renuncia quanto pode afagar os sentidos e vai sepultar-se vivo num claustro, que fim leva numa ação tão heroica senão dispor-se para morrer bem? Atrever-nos-íamos a não louvar, a não admirar sua prudente, sua acertada resolução? E quê! Enquanto nossos irmãos, nossas irmãs, nossos amigos passam sua vida no retiro e entre os rigores da penitência, para dispor-se a uma santa morte e alcançar a graça da perseverança final; nós, metidos entre o tumulto do mundo, entregues a todos os seus gostos e diversões; nós, num esquecimento eterno desta morte, numa crassa ignorância de tudo o que é dispor-nos para ela, esperamos tranquilamente uma morte cristã? Cremos estar preparados para morrer, e para morrer bem?

Há coisa a que mais nos tivesse exortado o Filho de Deus, como quem previa tão bem nossa negligência, que a esta preparação?

Velai, porque não sabeis a que hora há de vir o Senhor [^20]. Estai sempre aparelhados, porque na hora em que menos o pensardes virá o Filho do homem [^21]. O que digo a vós, com todos fala; e assim estai alerta: *Quod autem vobis dico, omnibus dico: Vigilate* [^22]. É mister estar prontos a qualquer hora em que o Senhor chame à porta.

Ninguém há que não convenha em que é necessária alguma preparação para morrer bem: daqui nasce o medo que se tem a toda morte repentina. Mas que efeito produz este temor? A que preparação nos moveu até o presente? Contudo, posso morrer dentro de poucas horas. Tão pouca segurança tenho de viver amanhã como de viver daqui a dez anos. Se fosse hoje o derradeiro dia

de minha vida, estaria bem disposto para morrer hoje? Não teria algo que temer? Estremeço só com este pensamento. Mas quem me assegurou a vida nem sequer daqui a um quarto de hora? E, se não começo a dispor-me desde logo, que dor, que desesperação quando chegar a derradeira!

Não o permitais, Senhor; e, pois me concedeis ao menos esta hora, desde esta mesma começo, Deus meu, a dispor-me para morrer bem e a pedir-vos esta graça os dias que me outorgardes de minha vida.

# Jaculatórias

> *Paucitatem dierum meorum nuntia mihi.* Sl 101.

Compreenda eu, Senhor, tão vivamente o curto número dos dias de minha vida que desde logo comece a dispor-me para a morte.

> *Timenti Dominum bene erit in extremis.* Eclo 1.

Somente os que temem a Deus em vida devem prudentemente esperar uma boa morte.

# Propósitos

1. Não é de estranhar que tantos morram mal, sendo tão poucos os que se dispõem para morrer bem. A boa morte é ciência prática que só se aprende enquanto se vive; mas, para adiantar nesta faculdade, é mister estudar muito, porque o estudo precipitado regularmente só serve para tornar mais visível nossa ignorância e nosso atraso. A melhor disposição para uma boa morte é uma santa vida; e a vida deve ser uma contínua preparação para a morte. Cada dia deve servir-nos de nova lição e de novo exercício, sendo razão que todas as noites nos tomemos conta de nosso adiantamento. É um piedoso costume de grande importância fazer todas as coisas como se todas elas fossem disposições para a morte. Missas, orações, esmolas, obrigações do estado de cada um, até as mesmas diversões, tudo nos pode servir para lograr uma boa morte, se tudo se faz com o espírito e com a santa intenção de morrer bem. Muito nos importa saber bem a arte de bem morrer: o que a ignora, ainda que seja muito sábio em todas as demais, faça conta de que nada sabe.

2. Fora desta preparação geral, há outras particulares que nunca se devem omitir. Escolhe todos os anos um dia que deves dedicar inteiramente a este grande negócio. Ao despertar, considera-te na presença do soberano Juiz, que te pede contas de tua administração: *Redde rationem villicationis*

*tuæ;* e examina ao menos em meia hora de meditação se tens bem prevenidas as contas. Não saias do quarto sem haver ajustado o que tiveres que ajustar. Nada omitas, nada te perdoes, nada te dissimules; porque tens que tratar com um juiz infinitamente perspicaz, a quem nada se esconde, ainda que quer por ora remeter-se a ti sobre todos os artigos. Antecipa-te à severidade de seu juízo por uma confissão geral sincera e dolorosa. Ajustados os negócios de tua consciência, arranja os de tua casa e família. Grande imprudência é aguardar a última enfermidade para fazer testamento. *Fac testamentum tuum*, diz Santo Agostinho, *dum sanus es, dum sapiens, dum tuus es:* faze testamento enquanto estás são, enquanto estás em teu juízo e enquanto tens liberdade. Comunga como se fosse a última comunhão de tua vida. E, se pudesse ser, sê tu mesmo testamenteiro de ti próprio e executor de teus legados. À tarde vai fazer oração sobre a sepultura onde te hão de enterrar, ou ao menos na igreja onde há de estar exposto teu cadáver e te hão de fazer os ofícios de corpo presente. Tudo o que leres neste dia seja acerca da morte, sem ocupar-te em todo ele em outro negócio que no de tua salvação. Mas não te contentes com um dia cada ano; o retiro de um dia cada mês é excelente preparação para a morte. Acrescento mais: cada semana deve ter a sua, e até cada dia é razão que tenhas alguma devoção que sirva determinadamente para dispor-te a morrer bem. Busca algum livro que te ensine a prevenir-te para uma boa morte. No fim do segundo tomo do *Retiro espiritual* acharás admiráveis exercícios para isto.

[^1]: O OCR traz «461» (o começo do período tratado por Eusébio é 161), «Dublio» (Públio), «Gnenesios» (gnósios) e «Inocencio II» (o 18.º ano de pontificado, 1215, corresponde a Inocêncio III). Corrigido pelo contexto. [^2]: 2 Mc 12. [^3]: Dt 7. [^4]: Tb 4,18. [^5]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é de 1 Samuel 31,13. [^6]: Mt 12. [^7]: São Bernardo, Homilia 16 sobre o Cântico dos Cânticos. [^8]: 1 Cor 15. [^9]: Santo Efrém, em seu *Testamento*. [^10]: São Cipriano, *Sermão sobre a Ceia do Senhor*. [^11]: Mc 10. [^12]: *Da hierarquia eclesiástica*, cap. 7. [^13]: Oração sobre César. [^14]: Homilia 6 ao povo de Antioquia. [^15]: O OCR traz «Ezech. 5 mystag.», provavelmente a catequese mistagógica 5. [^16]: *Da coroa do soldado.* [^17]: *Da monogamia.* [^18]: Livro 1, epístola 9. [^19]: No original há aqui duas chamadas de nota («(1)» e «(2)», esta depois da citação de Calvino) cujo texto não aparece na digitalização; a primeira é de Eclesiástico 7,37. [^20]: Mt 25. [^21]: Lc 12. [^22]: Mc 13.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:54 by Admin